

APRESENTAÇÃO

UMA NOVA REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS

1. Enquanto objecto de investigação e área específica de ensino, a Literatura é hoje muitas vezes questionada nos seus fundamentos e até na sua relevância social e institucional. Sabemos que boa parte dessa desconfiança resulta da crise que afecta as Humanidades no seu todo. Mas, sem que isso seja posto em relevo, uma outra parcela desse cepticismo deriva também do rumo que os estudos literários têm assumido nos últimos tempos.

Os efeitos dessa vertigem traduzem-se, desde logo, numa meta-linguagem que, em alguns casos, de especializada, se tornou obscura, fechando cada vez mais sobre si mesmo um domínio do saber que justamente antes se afirmou pela sua capacidade irradiadora, pelo menos em relação às outras áreas do saber humanístico. E consubstanciam-se depois numa quebra da interdisciplinaridade natural, isolando os estudos literários das áreas que lhe são contíguas e, no próprio âmbito dos estudos literários, instituindo especialidades de espectro cada vez mais reduzido, que desacreditam o próprio campo de investigação.

Numa era que ainda não deixou de ser de extremos, é altura de proceder a balanços. Os Estudos Literários têm já uma história secular e sem a conhecermos não é possível compreender os impasses e as derivas que assinalam o nosso tempo. Não é possível, sobretudo, equacionar convenientemente nenhum tipo de reconversão que possa preservar a legitimidade desta área do conhecimento, devolvendo-lhe o potencial transdisciplinar para que está vocacionada.

2. Ao contrário do que sucede com outras unidades de Investigação e Desenvolvimento consagradas ao estudo das chamadas

“ciências exactas e experimentais”, um Centro que hoje se dedique ao estudo das Humanidades não pode deixar de reflectir a cada passo sobre os próprios métodos que pratica, as metas que persegue, as estratégias de comunicação que escolhe. Quando se trata de um Centro que congrega especialistas do pensamento e da palavra, torna-se ainda necessário ter em conta o clima de desqualificação ou de suspeita que afecta estas áreas, tidas por menos “úteis”, porque não produzem um saber quantificável, que possa transferir-se para o desempenho das empresas e o crescimento do Produto Interno Bruto.

Enquanto entidade especificamente centrada na investigação do fenómeno literário, o Centro de Literatura Portuguesa, deve (pre) ocupar-se com o estado geral dos estudos literários, com a sua evolução recente, com os caminhos novos que se lhe abrem e com o contributo que deles se espera para o reordenamento das Humanidades e do Conhecimento, em geral.

O instrumento a que agora se recorre para dar corpo a essa preocupação é de natureza convencional. Com efeito, à primeira vista, nada parece existir de mais antiquado do que uma revista impressa. E, no entanto, nas circunstâncias actuais, pareceu-nos que esse foro era ainda o mais adequado para dar testemunho das preocupações que tenho vindo a referir e para suscitar o debate sereno e desenvolvido que se impõe a tal respeito. As vozes que aqui interpretam essa reflexão revelam-se portadoras de diferentes experiências mas são também observadores qualificados da história recente dos estudos literários em Portugal. É nessa dupla qualidade que todos confluem no primeiro número da nova Revista de Estudos Literários.

Queremos que seja “Nova” porque nela queremos implantar práticas novas; mas isso não significa que enjaitemos a tradição. Em Coimbra nunca faltaram revistas quando era e quando não era o tempo delas. No domínio específico dos Estudos Literários, tivemos já a *Revista de História Literária*, fundada e dirigida por Álvaro Júlio

da Costa Pimpão entre os anos de 1962 e 1975; tivemos depois os *Cadernos de Literatura* que, sob a direcção de Andrée Crabbé Rocha, viram a luz entre 1978 e 1986. Como era de esperar, as orientações de uma e de outras publicações foram diversas, reflectindo, antes de tudo, uma lógica geracional e, mais do que isso, acusando os estímulos e as expectativas que então se faziam sentir no seio da Universidade.

E se as publicações a que me refiro reflectem contextos e linhas teóricas bem definidos (a história literária e o textualismo predominantemente estruturalista, respectivamente) a Revista que agora se inaugura também surge marcada pela sua época: por um *ethos* metodológico de recolocação e de procura de sínteses.

No cumprimento desse *ethos*, porém, existe uma etapa incontornável: a de apurar o passado próximo, buscando nesse trabalho não tanto a objectividade pura (à conta dessa ilusão, muitas outras ilusões se criariam) mas o lastro que mais e melhor assinala o nosso presente.

Assim entendemos começar: com a consciência das nossas limitações, porque é sabido que uma parte considerável dos problemas que os estudos literários e humanísticos hoje enfrentam é de carácter exógeno; mas também com a determinação forte de querer contribuir para superar uma situação menos favorável, naquilo que nela também existe também de endógeno e de, por isso mesmo, mais facilmente remediável.

A estrutura habitual da revista será aquela que neste primeiro número se define. Existirá sempre um núcleo temático central, que, no presente caso, são os estudos literários em Portugal no Século XX.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES